

Uma historia de amor.

(Para "Cavalo Azul", S. Paulo)

A tradicao ocidental, a do "espírito e da carne", nos leva a crer que quando homem e mulher se amam, a relacao estabelecida e amarrado de intencoes psicologicas e biologicas demasiadamente complexo para ser explicado. Os psicologos e os biologos se inclinam sobre o fenomeno "amor", afim de desamarrar os fios entrelacados da psyche e do sexo, e destarte "comprende-lo". Mas isto e atitude nao adequada ao fenomeno "amor", como e a atitude inadequada a nao importa que fenomeno humano. Os motivos psicologicos e os biologicos, (como alias todos os demais motivos do comportamento humano), nao se manifestam diretamente, e em oposicao um ao outro. Passam, antes de manifestar-se, pelo crivo da cultura, a qual as "modela". No amor, o homem nao e motivado diretamente pela psyche e pelo sexo, mas segue modelo de sua cultura. Nao e nem anjo, nem bicho, nem meio-anjo meio-bicho, mas e integralmente gente, isto e ente que vive em cultura. Quem quizer "explicar" o amor, deve, antes de mais nada, explica-lo culturalmente. Isto e: historicamente. Amamos conforme modelos que foram elaborados ao longo da historia que nos sustenta. E ao amarmos, contribuimos para a modelacao de tais modelos.

O modelo do nosso amor "conjugal" foi elaborado, com duras penas, no decorrer dos seculos XI e XII, sobretudo naquela parte da Gallia que e atualmente a metade norte da Franca. Foi elaborado durante as convulsoes revolucionarias nas quais se originou o feudalismo. Georges Duby, do College de France, publicou recentemente ensaio, sob o titulo "O cavaleiro, a mulher e o sacerdote", (Le chevalier, la femme et le pretre), o qual faz ressurgir da penumbra daquela epoca longinqua os contornos do evento. O presente artigo se limitara a relatar o percurso do livro mencionado. Por certo: a leitura provoca, espontaneamente, toda uma cadeia de reflexoes carregadas de emocao, mas tudo isto sera aqui recalado. Relega sobre o leitor a tarefa de dar redea livre a sua "imaginacao criativa".

Os conquistadores germanicos da Gallia, sobretudo Francos e Burgundos, formaram grupos pouco numerosos no meio da populacao gallo-romana das cidades e dos campos. (As cidades, alias, estavam decaidas). Isto lhes facilitou a distribuicao e a posse das terras: ampla quantidade de terra e de servos para todo "senhor" germano. Mas quando se tratou de institucionalisar e codificar o dominio germanico, sob os carolingas, tal vantagem inicial virou problema. Nao problema economico, (conforme "analise marxista"): a propriedade distribuida continuava perfeitamente manejava e produtiva. Mas problema "genetico", (Conforme "analise da nova direita"): os "senhores", (Domini), tinham casado entre si por geracoes sucessivas, e estavam ameaçados da degeneracao, efeito da endogamia. De duas uma: ou continuarao a se entre-cruzarem, e degenerarao; ou casarao com os gallo-romanos, e seu dominio se diluira. O problema era o de instaurar e codificar um tipo de casamento que evite ambos estes perigos. E o que estava em causa, no fundo, era a posicao da mulher na sociedade. Segundo a lei franca e burgunda, a mulher herdava como o homem. Era isto que precisava ser modificado. Todos os aspectos da revolucao do seculo XI e XII estao ligados a questao feminina. As cruzadas.

A revolta da nova geracao, ("cavalheiro andante"). As heresias "puritanas" e as "dissolutas". As lutas entre irmaos pela posse da terra, e entre "senhores" pela posicao na hierarquia feudal nascente. Tudo isto manifestava o fracasso dos carolingas para resolverem o problema feminino, e exigia dos capetings que o liquidem "de uma vez para sempre", se o dominio dos "senhores" era a ser salvo.

Mas tal dominio nao estava ameacado apenas de dentro, pelas lutas intestinas em torno da mulher e sua propriedade. Estava ameacado igualmente de fora, pela Igreja. A Igreja, (isto e: Roma), se empenhava, passado o ano fatidico 1000, a restabelecer o Imperio destruido pelos germanos. Mas, ao contrario dos germanos, os sacerdotes nao visavam o dominio pelo metodo da "tentativa e erro", mas disciplinadamente. Procediam eles, em primeiro lugar, a uma reforma interna, da qual Cluny e exemplo, para consolidar tanto a sua coerencia quanto a sua ideologia. E foi somente em segundo lugar que os sacerdotes se aprontaram para dominarem os germanos. E isto nao pelo assalto direto as terras em posse dos germanos, mas pelo controle da vida quotidiana dos "senhores" em seus minimos detalhes. A prova da deliberacao de tal estrategia e o fato que os sacerdotes nao visavam controlar o comportamento da populacao gallo-romana, que era para eles de tao pouco interesse quanto o era para os "senhores". Nao se tratava, para eles, de "cristianizar" o comportamento dos servos, mas tao somente dos donos das terras. A arma da qual os sacerdotes dispunham era mais que mortal: condenavam os que nao se submetiam ao inferno. E concentravam tal ameaca da condenacao sobre o sexo. Que era o ponto fraco do dominio germanico, dado o problema nao resolvido da posicao da mulher na sua sociedade. Com tal estrategia anti-sexual os sacerdotes visavam o controle do casamento em todas as suas formas, e sobretudo o problema da heranca materna. Nisto tiveram exito quase total: no final do seculo XII quase todas as terras anteriormente possuidas por mulheres, (a metade da Gallia do norte), tinham passado para o dominio dos mosteiros. De modo que a revolucao fatidica girava em torno da mulher, seja do ponto de vista dos "cavalheiros", seja do ponto de vista dos "sacerdotes". Verdadeira revolucao feminista, embora em sentido oposto da atualmente em curso.

Tudo que sabemos a respeito, o devemos aos sacerdotes, os unicos letrados. Temos codigos legais, tratados teologicos, documentos de transmissao de propriedade, "vidas de santos", tudo isto escrito por sacerdotes em latim, miseravel na maioria das vezes. Dispomos apenas do ponto de vista sacerdotal sobre os acontecimentos, o que se reflete nas historiografias da epoca em pauta. Mas os sacerdotes nao sao simplesmente parciais: distorcem a realidade em caricatura. Pois precisamente por tratar-se de testemunho absurdamente falsificador, podemos ler entre as linhas dos textos e reconstruir a cena verdadeira. E o que resulta de tal reconstrucao e sobretudo a imagem da mulher no seculo XI e XII:

E imagem de fera devoradora, traiceira, dominadora, e super-sexuada. Os homens tremiam literalmente, toda vez que deitavam em leito matrimonial ou nao: temiam serem envenenados ou apunhalados no sono pela esposa, ("uxor"), pela companheira, ("sponsa"), pela amante, ("concubina"), ou por mulher casualmente encontrada. A unica mulher que nao temiam era a gallo-romana. Mas esta nao era

gente, mas coisa "vil" e "paga", isto e: exterior ao castelo. A mulher era perigo onipresente, tanto para o corpo quanto para a alma. Os cantos escondidos, reservados a mulher, e sobretudo a cosinha, serviam para a fabricacao de poccoes "amorosas" e venenosas, destinadas a perderem os homens. As mulheres conspiravam constantemente contra os homens, para se apoderarem deles para os seus fins diabolicos. E contra tais feras infernais onipresentes que "senhores" e "sacerdotes" se aliavam, para salvarem a cristandade. Podemos concluir, de tal imagem feminina, que as mulheres germanicas resistiam valorosamente, durante dois seculos, ao esforco dos cavalheiros e sacerdotes de transforma-las em coisas. Foram vencidas.

Os textos sacerdotais da epoca fundamentam teologicamente tal imagem da bruxa. Seu chauvinismo masculino se apoia sobre trechos do Antigo Testamento, "Ev. costela de Ada", e sobre alguns enunciados ambiguos do Novo Testamento. Mas leitura atenta dos textos sacerdotais revela tratar-se de ideologizacao transparente. O que os textos visavam era o lado economico-social da questao feminina. Isto transparece, muito claramente, pelo conceito sacerdotal do incesto. Incestuoso e quem casar com parenta ate o sexto grau de parentesco. Tais casamentos devem ser dissolvidos, as terras das mulheres devem "voltar para Deus", (os mosteiros), e os maridos incestuosos devem, depois de pagarem multas "a Deus", recasar-se. Des- tarte os sacerdotes concorrem para a solucao do problema germanico da consanguini- dade, aliam-se aos cavalheiros, e os fazem pagar por tal alianca. O incesto e pecado medonho, porque ameaca o dominio germanico de degeneracao, mas pode ser re- didido, isto e aumentar o dominio da Igreja. Por certo: apenas os homens, jamais as mulheres, sao incestuosos. Porque as mulheres nao sao sujeito, mas objeto do casamento. Sao meros instrumentos do incesto. Por isto, dissolvido o casamento incestuoso, e devolvidas as terras femininas a Deus, as mulheres nao mais recasa- rao, mas serao recolhidas em conventos, (estes, por certo, sem terras).

Em tudo isto os sacerdotes fazem a distincao entre duas "moralidades": a da "Lex Divina", e a da "Consuetudo". A primeira e a da Igreja, a segunda a dos germanos. Nao ha terceira moralidade, a dos gallo-romanos; esta e reprimida e ca- lada. A tais duas moralidades correspondem duas "ordens" humanas. Os sacerdotes sao homens da primeira ordem, e devem viver de acordo com a lei Divina, sobretudo vida assexuada. Os cavalheiros sao homens da segunda ordem, e, embora devam res- peitar a lei Divina, podem viver de acordo com seus "costumes". Isto e: podem viver sexualmente, desde que tal vida "respeite" as leis Divinas. Concretamente: podem copular em certas circunstancias, desde que nao sintam "luxuria", (libido), mas apenas vontade de produzirem herdeiros de suas terras. As circunstancias da copulacao tolerada sao exatamente codificadas. Por exemplo: os cavalheiros podem comprar "uxor", ou raptar "sponsa". Parte das terras transferidas em tais casa- mentos e devida "a Deus", isto e a Igreja que "santifica" tais diversas formas de casamento. Outra parte das terras "volta a Deus" por occasiao da heranca. Em com- pensacao, a Igreja zela pela "castidade" do casamento, isto e pelo regulamento da vida sexual: os cavalheiros evitam a degeneracao, ao fazerem poucos filhos com as mulheres germanicas, e mais filhos com as mulheres gallo-romanas, estas nao en- globadas nos regulamentos. Na vilania gallo-romana a "luxuria" e dispensada aos cavalheiros.

Embora funcionalmente eficiente, tal "sacralizacão" de varias formas do casamento germanico tem, no entanto, fundo ideologico importante e complexo. Os cristaos primitivos, inclusive Jesus e seus seguidores, acreditavam que o "Reino de Deus" está proximo, e que seremos, logo, "todos mudados". De maneira que nao regulamentaram o casamento, ja que nao acreditavam nem na possibilidade da procriacao, nem em sua necessidade. Isto e uma das explicacoes do anti-sexualismo dos cristaos primitivos. Curiosamente, durante os seculos seguintes, embora tenha persistido o anti-sexualismo, e embora se tenha acentuado e assumido formas patologicas, (S. Jeronimo etc.), jamais a Igreja conseguiu regulamentar o casamento. Pois na medida em que se aproximava o ano 1000, a expectativa primitiva do milenio se renovou, mas desta vez em proporcoes muito mais amplas. A propria instituicao do casamento ia sendo abandonada, e isto no Ocidente inteiro, e em todas as suas camadas, menos na "paga", mas esta "nao existia" aos olhos da Igreja. Pois agora, no seculo XI, e ja que o milenio nao se realizou, tratava-se, finalmente, de regulamentar o "casamento cristao", tornado inevitavel, embora apenas para os homens da segunda ordem. Tanto melhor, se tal regulamentacao permitia a Igreja re-assumir o dominio imperial sobre os germanos.

Eis a situacao portanto, tal qual pode ser lida entre as linhas dos textos: no inicio dos seculo XI os senhores germanicos dominavam o Ocidente "latino", e seu dominio mais caracteristico era o da Gallia do Norte, terra de Carlos. E o dominavam de acordo com a lei franca e burgunda, isto e: as terras pertenciam tanto a homens quanto a mulheres. E simultaneamente o dominio germanico estava ameaçado pela degeneracao "genetica" por casamentos endogamos repetidos por geracoes sucessivas. No final do seculo XII metade das terras "latinas" pertencia aos mosteiros, e, igualmente mais acentuadamente, na Gallia do Norte. A lei franca e burgunda tinha sido subordinada a lei da Igreja. As terras que continuavam em posse dos senhores, eram possuidas exclusivamente por homens. Os senhores casavam com mulheres germanicas, mas faziam filhos as mulheres gallo-romanas. O casamento entre a "nobreza", (isto e: entre os membros da sociedade feudal agora estabelecida), era "sacralizado", isto e regulamentado. Durante tais dois seculos nao houve modificacao na situacao dos servos: os gallo-romanos continuavam vivendo de acordo com seus proprios "costumes", inclusive quanto ao sexo. Apenas as mulheres gallo-romanas passaram a objetos sexuais dos senhores. E a transformacao mais importante era a reificacao das mulheres germanicas: passaram a ser objetos de transacao de terras. Nao mais eram perigosas. Podiam ser cantadas e "adoradas". Passaram a serem "damas". Estava aberto o campo para a "cortesia", e para o culto de Nossa Senhora. Os trovadores podiam cantar, e Notre Dame podia ser consrtuida. Tinha nascido o amor, tal como o conhecemos ate hoje.

Durante a historia ocidental toda, a partir do seculo XIII, nao mais ocorreu revolucão na situacao das mulheres, apenas variacoes e amplificacoes do modelo elaborado pelo seculo XII. O nosso "casamento civil", e as nossas varias "ligacoes amorosas" nao sao senao variantes desse modelo. A nossa sexualidade continua informada pela revolucão estabelecadora do feudalismo. Somos todos, homens e mulheres, "feudais" em materia do amor entre os sexos. As revolucões que ocorreram nos oito seculos

que ocorreram nos oito seculos que nos separam dos capetings fundadores, nao etingiram esse terreno. Nem a revolucao Francesa, nem a Russa, tiveram a radicalidade da Capetinga. O nosso "amor" atravessou o feudalismo, o mercantilismo, o capitalismo e o socialismo, sem ter-se estruturalmente alterado. As nossas fitas de Hollywood sao perfeitamente enquadraveis nos modelos dos trovadores. Somos, em materia do amor, quase inacreditavelmente subdesenvolvidos.

Ha indicios, no entanto, que isto esta mudando. Indicios que as mulheres estao retomando a resistencia que abandonaram no final do seculo XII. Revolucao radical parece querer preparar-se. Nao, por certo, revolucao "psico-biologica", como o parecem crer certas feministas. Esta seria inteiramente inoperante. Mas revolucao cultural, com todas as dimensoes economicas, sociais, e politicas, proprias da cultura. Pois creio que tais revolucionarias, (as bruxas do futuro), fariam bem se lessem e meditassem a respeito da revolucao precedente: a da Gallia do Norte nos seculos XI e XII.